

**XXIV ENCONTRO NACIONAL DO  
CONPEDI - UFS**

**FILOSOFIA DO DIREITO**

**CONSTANÇA TEREZINHA MARCONDES CESAR**

Todos os direitos reservados e protegidos.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

#### **Diretoria – Conpedi**

**Presidente** - Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa – UFRN

**Vice-presidente Sul** - Prof. Dr. José Alcebíades de Oliveira Junior - UFRGS

**Vice-presidente Sudeste** - Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim - UCAM

**Vice-presidente Nordeste** - Profa. Dra. Gina Vidal Marcílio Pompeu - UNIFOR

**Vice-presidente Norte/Centro** - Profa. Dra. Julia Maurmann Ximenes - IDP

**Secretário Executivo** - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC

**Secretário Adjunto** - Prof. Dr. Felipe Chiarello de Souza Pinto – Mackenzie

#### **Conselho Fiscal**

Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG /PUC PR

Prof. Dr. Roberto Correia da Silva Gomes Caldas - PUC SP

Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Napolini Sanches - UNINOVE

Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS (suplente)

Prof. Dr. Paulo Roberto Lyrio Pimenta - UFBA (suplente)

**Representante Discente** - Mestrando Caio Augusto Souza Lara - UFMG (titular)

#### **Secretarias**

**Diretor de Informática** - Prof. Dr. Aires José Rover – UFSC

**Diretor de Relações com a Graduação** - Prof. Dr. Alexandre Walmott Borgs – UFU

**Diretor de Relações Internacionais** - Prof. Dr. Antonio Carlos Diniz Murta - FUMEC

**Diretora de Apoio Institucional** - Profa. Dra. Clerilei Aparecida Bier - UDESC

**Diretor de Educação Jurídica** - Prof. Dr. Eid Badr - UEA / ESBAM / OAB-AM

**Diretoras de Eventos** - Profa. Dra. Valesca Raizer Borges Moschen – UFES e Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr - UNICURITIBA

**Diretor de Apoio Interinstitucional** - Prof. Dr. Vladimir Oliveira da Silveira – UNINOVE

---

F488

Filosofia do direito [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI/UFS;

Coordenadores: Clóvis Marinho de Barros Falcão, Constança Terezinha Marcondes Cesar – Florianópolis: CONPEDI, 2015.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-5505-056-5

Modo de acesso: [www.conpedi.org.br](http://www.conpedi.org.br) em publicações

Tema: DIREITO, CONSTITUIÇÃO E CIDADANIA: contribuições para os objetivos de desenvolvimento do Milênio

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Brasil – Encontros. 2. Filosofia. I. Encontro Nacional do CONPEDI/UFS (24. : 2015 : Aracaju, SE).

CDU: 34

---



# XXIV ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI - UFS

## FILOSOFIA DO DIREITO

---

### **Apresentação**

É com satisfação que apresentamos os trabalhos apresentados no GT de Filosofia do Direito do XXIV Encontro Nacional do Conpedi, realizado no campus da Universidade Federal de Sergipe. É sempre preciosa uma oportunidade de discutir um campo tão antigo, e tão importante para compreender e também testar os limites do pensamento jurídico. Os pesquisadores, uma vez mais, demonstraram como é rica e plural a produção jurídico-filosófica nas escolas de direito no Brasil. Mais do que a quantidade, precisamos aumentar a qualidade do trabalho em filosofia do direito, e o evento abraçou essa ideia.

O livro tem uma importância dupla. Por um lado, registra o trabalho desenvolvido pelos pesquisadores e apresentados à avaliação e seleção desta banca; por outro, permite ampliar a perspectiva e continuar os diálogos que apenas iniciaram nos poucos minutos destinados à apresentação de cada trabalho. A pesquisa, ainda mais quando envolve a reflexão filosófica, pede calma, e seria muito limitada se constituída apenas da apresentação e da sessão de perguntas. O texto, amadurecido e costurado pelos autores, permite o contato silencioso e calmo com cada trabalho apresentado, singularmente valioso.

Este livro é, antes de tudo, um convite à conversa e à reflexão. Entre tantos e variados temas, cada leitor encontrará uma mesa em que se sentirá mais à vontade, puxará sua cadeira e interagirá com dedicados pesquisadores. Esperamos que a publicação desses trabalhos integre mais pessoas à deliciosa conversa do dia 4 de julho de 2015.

Os coordenadores.

## OS IMIGRANTES COMO MUTANTES X-MEN NO BRASIL

### IMMIGRANTS AS X-MEN MUTANTS IN BRAZIL

**Thiago Roberto Gebert Garcia  
Floribal de Souza Del Olmo**

#### **Resumo**

Assunto que nos últimos meses tem ganhado destaque na mídia diz respeito ao aumento considerável de imigrantes que têm chegado ao Brasil, vindo dos mais diversos países, mas especialmente de países latinos, caribenhos e africanos. Estes imigrantes, em sua ampla maioria pessoas que fogem da extrema pobreza, violência, desastres naturais, perseguições políticas, dentre outros motivos, buscam no Brasil um lugar para recomeçar a vida. Os motivos dessa escolha podem ser muitos, normalmente os estrangeiros consideram que o brasileiro é muito receptivo e acolhedor, e que no Brasil, em razão de seu tamanho continental, não faltariam oportunidades de emprego e crescimento. Todavia, será mesmo que o brasileiro é tão acolhedor ao estrangeiro, não ao turista estrangeiro, que aqui vem passar férias e gastar dinheiro, mas ao imigrante, o estrangeiro que aqui pretende fixar residência e constituir ou trazer sua família. Como o brasileiro enxerga o imigrante como um ser igual, tanto em raça quanto em oportunidades, ou como um alienígena, um mutante, o diferente que deve ser renegado e afastado do seu convívio. Aproveitando a leitura de X-Men e a Filosofia, pretendemos, com uma difícil tentativa de realizar uma análise sob um viés filosófico, fazer um breve paralelo entre a situação dos mutantes X-Men e a dos imigrantes, alienígenas como comumente são chamados pela jurisprudência pátria, ou imigrantes mutantes em solo brasileiro.

**Palavras-chave:** Imigrante, Mutante, X-men, Brasil

#### **Abstract/Resumen/Résumé**

Subject that in recent months has gained prominence in the media is the considerable increase in immigrants who have arrived in Brazil, coming from different countries, but especially of Latin, Caribbean and African countries. These immigrants, the vast majority of people fleeing extreme poverty, violence, natural disasters, political persecution, among other reasons, in Brazil seeking a place to start over. The reasons for this choice may be many, usually foreign consider that the Brazilian is very receptive and welcoming, and in Brazil, due to its continental size, not be lacking employment opportunities and growth. However, it will be that the Brazilian is so welcoming the stranger, not to foreign tourists who come here to holiday and spend money, but the immigrant, the foreigner who intends to settle here and build or bring your family. As the Brazilian sees the immigrant as a being equal, both in race and in opportunities, or as an alien, a mutant, the other to be denied and away from your living. Taking advantage of the reading of "X-Men and Philosophy" intend, with a difficult

attempt at an analysis from a philosophical bias, make a brief parallel between the situation of X -Men mutants and immigrants, aliens as are commonly called by country law, or mutants immigrants in Brazilian soil.

**Keywords/Palabras-claves/Mots-clés:** Immigrant, Mutant, X-men, Brazil

## **1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Com o presente trabalho buscamos fazer uma breve análise da situação dos imigrantes que chegaram recentemente em solo brasileiro, principalmente oriundos de países latinos, caribenhos e africanos. Esta análise é embasada em diversas reportagens sobre o tema, que, dentro do possível, trazem uma visão da realidade enfrentada pelos estrangeiros, bem como qual a opinião e ações dos brasileiros com relação a esses imigrantes.

Nosso objetivo maior é ainda fazer um comparativo dessa realidade diária dos imigrantes, com as considerações de cunho filosófico constantes no livro “X-Men e a Filosofia”, para analisarmos se de fato os imigrantes, apesar de não possuírem poderes especiais como os super-heróis, são considerados e tratados como uma classe diversa, muitas vezes inferior aos demais humanos, especialmente aos brasileiros natos.

## **2 A NOVA ONDA IMIGRATÓRIA**

### **2.1 A ATUAÇÃO DO GOVERNO FEDERAL EM RELAÇÃO À IMIGRAÇÃO**

Nos últimos anos nos deparamos com inúmeras notícias veiculadas nos mais diversos meios de comunicação, dando conta de um novo fenômeno social imigratório, no qual milhares de pessoas, oriundas dos mais diversos países, têm chegado ao Brasil buscando uma nova chance, um recomeço na vida, novas oportunidades pessoais e profissionais.

Apenas para se ter uma ideia da proporção desse fenômeno, segundo notícia publicada no *site* do Senado Federal, desde o ano de 2010 mais de 40.000 (quarenta mil) haitianos ingressaram no Brasil (VIEIRA, 2014), sem contar os demais estrangeiros oriundos de outros diversos países.

O caso dos haitianos é emblemático e merece uma atenção especial. Desde o terremoto que atingiu o Haiti em 12 de janeiro de 2010, quando mais de 200.000 (duzentas mil) pessoas morreram, e grande parte do país ficou em ruínas, estima-se que mais de 300.000 (trezentos mil) haitianos tenham deixado o país em busca de novas oportunidades em outros

países, pois a tragédia natural, violência e extrema pobreza não possibilitam um grande futuro para a imensa maioria da população (G1.COM, 2012).

Existe um forte vínculo entre Brasil e Haiti, os principais motivos desta relação podem ser a missão de paz da ONU para estabilização do Haiti, que já vem acontecendo desde o ano de 2004. O Brasil é o líder militar, e o “Jogo da Paz”, partida de futebol disputada entre as seleções dos dois países no dia 18 de agosto de 2004, na cidade de Porto Príncipe, capital do Haiti (BERTOLOTTO, 2004), serviu para aproximar muito a população haitiana dos brasileiros.

Em razão dessa relação de proximidade, o governo brasileiro está adotando um tratamento diferenciado aos imigrantes provenientes desse país, concedendo um visto de permanência por tempo determinado, em caráter humanitário, inovação adotada pelo governo do Brasil para melhor administrar a entrada de haitianos (OLIVEIRA, 2014).

Os imigrantes haitianos normalmente chegam ao Brasil pelo Acre, ingressando no município de Brasileia, divisa com a Bolívia, onde ficam em abrigos aguardando a regularização da documentação de estrangeiros pela Polícia Federal, com a consequente oferta de emprego em algum lugar no Brasil. Como diariamente chegam novos haitianos em Brasileia, não é difícil concluir que muitos deles passam longos períodos aguardando pela documentação e por uma vaga de emprego, vivendo, muitas vezes, em condições desumanas nesses abrigos, ficando praticamente amontoados. Não por acaso a situação dos haitianos no Brasil está sendo discutida na Organização dos Estados Americanos – OEA, conforme noticiou o *site* da BBC Brasil (MORAES, 2013).

Visando uma resolução parcial para os problemas que estão ocorrendo no Acre, o governo brasileiro, juntamente com o governo daquele estado, firmaram um acordo, no qual uma verba federal foi disponibilizada para custear despesas com fretamento de vários ônibus que serão utilizados para espalhar os haitianos pelo território brasileiro, principalmente para grandes cidades do centro e sul do País (TELES, 2014).

Não é por acaso que o governo brasileiro está sendo questionado na OEA sobre a situação dos imigrantes haitianos, pois basta breve análise dos fatos para percebermos que o país parece não saber que atitude adotar, pois, ao mesmo tempo que não consegue controlar a entrada de novos haitianos, se vendo quase obrigado a conceder o visto de permanência, também não sabe qual tratamento dispensar ao imigrantes, pois não é possível que o Brasil

continue a adotar os procedimentos até aqui adotados, quais sejam, regularizar a documentação do estrangeiro, deixá-lo em um abrigo à espera de uma proposta de emprego, ou, em último caso, espalhar grupos de haitianos por diferentes regiões do país para tentar, de maneira fracassada, dissipar ou esconder o que na realidade se configura como um grave problema social.

O que podemos concluir da conduta do governo federal é que, com a concessão de transporte para levar os haitianos para outros estados, principalmente para cidades da região sul e sudeste do país, o governo pretende passar o "problema" adiante, pois assim o Acre para de aparecer tanto na mídia em razão da aglomeração de haitianos, e a responsabilidade pelos imigrantes acabará sendo dos governos dos estados receptores, que desde o início já manifestam o descontentamento com a medida adotada. Trata-se de verdadeiro “jogo de empurra” de responsabilidades. Este é o tratamento que vem sendo dispensado pelo governo federal aos imigrantes, principalmente haitianos.

## 2.2 A RECEPTIVIDADE DO BRASILEIRO AOS NOVOS IMIGRANTES

Os novos imigrantes que chegam ao nosso país, diferente de outras épocas, não são provenientes de países europeus ou asiáticos, mas de países pobres, como Haiti, Bolívia e Senegal. Como não poderia deixar de ser, essa diferença de origem dos imigrantes, antes europeus e asiáticos, agora caribenhos, latinos e africanos, tem resultado numa receptividade diferente por parte do governo federal, mas também a população brasileira tem demonstrado uma receptividade diferente, pois uma coisa é receber o europeu branco de olhos claros, outra coisa, lamentavelmente bem diversa, é receber um latino ou africano negro.

A reputação de povo hospitaleiro, que tem na diversidade uma de suas principais qualidades, não tem sido demonstrada no trato dispensado aos imigrantes, que são apontados como “novo problema social”, como pessoas concorrentes na busca de escassas vagas de emprego, novos marginais e dependentes de programas sociais já exauridos e alvo de severas críticas de parte da sociedade e da mídia, principalmente pelo pensamento de que estimulam a inércia.



O brasileiro tem dado muitas mostras de ser um povo preconceituoso e xenofóbico, não por acaso existem diversas reportagens noticiando humilhações por que passam os estrangeiros em nossa terra.

Em recente notícia divulgada no *site* G1, constam treze casos suspeitos de preconceito, agressões e xenofobia contra haitianos que residem no Estado do Paraná. Conforme relatos colhidos, os estrangeiros foram alvo de atos de violência psicológica, sendo diariamente desprezados e humilhados em razão de sua nacionalidade, sendo chamados de “macacos”, “burros”, dentre outros insultos, chegando ao cúmulo de serem alvos constantes também de violência física (G1.COM, 2014).

Infelizmente os casos de violência se repetem, pelo menos nos números extraoficiais divulgados pela mídia, esta é uma forte tendência, sem contar com os casos que não são divulgados, pois muitos desses atos acontecem dentro do ambiente de trabalho, onde muitos dos estrangeiros acabam se submetendo a ofensas e agressões, pois o medo de perder o emprego faz com que não reclamam aos superiores hierárquicos, que muitas vezes são os próprios agressores, ou sequer registrem boletins de ocorrência policial.

Em reportagem *on-line*, publicada no site Gazeta do Povo, consta trecho de depoimento prestado pelo haitiano Maurice, que, após pedir para seus colegas de trabalho pararem de ofendê-lo, em razão de sua cor e condição de imigrante, acabou levando uma surra: “Eu falava pra eles: Você é meu irmão. Sou humano igual a você, criado pelo mesmo Deus. Mas me bateram, bateram e ninguém separou. (...) Eu não entendo porque isso, se sou gente como eles” (ANÍBAL, 2014).

Os imigrantes também são vítimas de outras práticas criminosas, são muitos casos que estão sendo noticiados de estrangeiros submetidos a trabalho escravo ou a situação análoga à de escravidão. Recentemente, no estado de São Paulo, um grupo de imigrantes haitianos e bolivianos foi encontrado trabalhando em regime de escravidão, tendo uma jornada laboral de quinze horas diárias, sendo que muitos deles, nos dois meses anteriores à ocorrência da fiscalização, haviam recebido somente R\$ 100,00 (cem reais) de pagamento de salários (G1.COM, 2014).

Em uma extensa reportagem divulgada na edição impressa do Jornal Zero Hora do dia 17 de agosto de 2014 é realizada uma ampla análise da situação que enfrentam os imigrantes no sul do país, em especial no Rio Grande do Sul. Em nosso estado as principais

idades destino de imigrantes são Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Lajeado, Encantado, Marau, Passo Fundo, Erechim e Gravataí. Nestes locais os imigrantes arrumam empregos principalmente em indústrias, frigoríficos, construção civil e colheita da maçã, do fumo e da uva.

Conforme noticiou o jornal, aproximadamente 7.000 (sete mil) haitianos, 4.000 (quatro mil) africanos e 500 (asiáticos) estão vivendo no Rio Grande do Sul, todos fruto desta nova onda imigratória, que teve início aproximadamente no ano de 2010. Essa realidade de receber imigrantes não é novidade para o Rio Grande do Sul, que recebeu muitos estrangeiros, principalmente europeus no século XIX.

Apenas a título de esclarecimento, segundo consta na reportagem, na onda imigratória do século XIX o Rio Grande do Sul recebeu cerca de 48.000 (quarenta e oito mil) alemães, 76.000 (setenta e seis mil) italianos e 32.000 (trinta e dois mil) poloneses. Ou seja, um estado que possui forte vínculo com a imigração, cujo povo se orgulha de ser descendente de imigrantes que aqui vieram trabalhar e reconstruir suas vidas, com certeza essa população não poderia se posicionar contrariamente a esta nova onda imigratória.

Mas a realidade normalmente não é como deveria ser, exemplos de discriminação, preconceito e atritos com os imigrantes também são retratados na reportagem, sendo citado um caso ocorrido na cidade de Encantado, onde residem muitos haitianos, sendo que somente na empresa Dália Alimentos trabalham mais de 300 (trezentos) estrangeiros. Segundo consta, começaram boatos na cidade de que a violência havia aumentado vertiginosamente depois da chegada dos imigrantes, além do risco de doenças contagiosas. Posteriormente, por meio da ação de representantes da Igreja, descobriu-se, por dados oficiais da Polícia Civil, que não havia ocorrido qualquer aumento no nível de criminalidade no local, bem como inexistiam doenças trazidas pelos estrangeiros, tudo não passava de boatos espalhados pela população local, grande maioria descendentes de imigrantes europeus, que não aprovavam a chegada dos novos imigrantes ao local, talvez por serem negros.

Nesses casos de discriminação contra imigrantes, pode-se perceber uma forte atuação da Igreja, por meio de várias congregações, bem como de ONG's de defesa dos direitos dos imigrantes, que muitas vezes tem muito trabalho para defender os imigrantes das atitudes preconceituosas.

Outro exemplo de preconceito contra estrangeiros ocorreu no estado do Paraná, onde imigrantes haitianos e africanos foram hostilizados nas ruas, o motivo das ofensas era pelo fato de que a população local imaginava que os imigrantes estavam infectados com o vírus ebola pelo simples fato de serem africanos. Até os haitianos foram alvo de discriminação por medo do contágio de ebola, pois, por desconhecimento, muitos brasileiros achavam que o Haiti era localizado na África.

Muitos relatos de estrangeiros davam conta de agressões verbais, ameaças e até expulsões de locais públicos para não ficar em contato com os brasileiros, muitos imigrantes tinham medo de sair de casa e ser ofendidos ou agredidos nas ruas (SANTOS, 2014).

Além do preconceito, discriminação e rejeição por medo de doenças, os imigrantes também são acusados pelos brasileiros de virem ao Brasil para tomar vagas de empregos que seriam destinados aos cidadãos nacionais. Entretanto, esta não parece ser a realidade, pois pelas notícias que são divulgadas, como na reportagem do jornal Zero Hora, os imigrantes normalmente arrumam empregos em ramos e ocupações que possuem muitas vagas para serem preenchidas, justamente pelo fato de que os brasileiros não aceitam determinados tipos de trabalho, por considerarem muito árduo.

O trabalho desenvolvido pelos imigrantes normalmente é em frigoríficos, indústrias pesadas, carvoarias, construção civil e colheitas da maçã, uva e fumo, onde não existem pessoas suficientes para cobrir as vagas de trabalho ofertadas. Em entrevista ao *site* da Revista Veja, o presidente do Conselho Nacional de Imigração do Ministério do Trabalho, Sr. Paulo Sérgio de Almeida, assim refere: “Eles são absorvidos pelos setores da construção civil, frigoríficos, limpeza urbana e linhas de produção industrial em postos que os brasileiros não querem mais ocupar” (ZYLBERKAN, 2014).

Na mesma reportagem o procurador do Ministério Público do Trabalho de Santa Catarina, Sr. Sandro Eduardo Sardá, refere que a distância da família e a necessidade de sobrevivência dos imigrantes faz com que eles aceitem exercer atividades mais pesadas, como o abate de suínos e aves, que se mostra uma atividade muito perigosa, que registra altos números de acidentes de trabalho, transtornos de humor e depressão. Segundo o procurador Sandro:

A prova mais evidente da precarização das condições de trabalho é a contratação de imigrantes, indígenas, presos do regime semiaberto e pessoas que chegam a residir de 200 a 300 quilômetros do local de trabalho. O resultado é uma verdadeira epidemia de doenças ocupacionais (ZYLBERKAN, 2014).

O que percebemos é que os motivos e causas alegados pelos brasileiros para prática de atos de violência física e moral, atos preconceituosos e discriminatórios, além de outros fatos tão graves quanto os anteriores, na realidade não subsistem, sendo que o grande problema é a dificuldade de aceitar o imigrante, o estrangeiro, principalmente por serem negros e provenientes de países pobres.

O imigrante de hoje não é a figura do imigrante que estávamos acostumados a ver, principalmente em novelas de época da Rede Globo, não vemos chegar ao país pessoas com sotaque italiano, alemão ou português, olhos azuis, cabelos e pele clara. Os imigrantes hoje são diferentes, não são de origem europeia, fato que gera orgulho em muitas pessoas poder dizer que são descendentes de imigrantes europeus. Hoje os imigrantes são negros, vindos de países pobres, não são a imagem supostamente agradável que o brasileiro estava acostumado; pelo contrário, são diferentes, e essa diferença nos faz querer vê-los afastados.

Como é possível que uma população mestiça, cuja maioria se declara negra ou parda (PORTAL BRASIL, 2012), possa ter dificuldades em conviver com os novos imigrantes, justamente negros, mestiços e pardos. Além disso, como uma população que, em números de habitantes, já ultrapassa a marca de 200.000.000 (duzentos milhões) (G1.COM, 2013), abrigo pessoas das mais diversas origens, possa se mostrar tão reticente em aceitar e conviver com os imigrantes, com o “diferente”. Buscando respostas às perguntas que surgem percebemos que alcançá-las será bem mais difícil, razão pela qual nos propusemos a uma leitura completa da obra “X-Men e a Filosofia”, para, numa tentativa de abordagem filosófica, analisarmos melhor a relação dos homens com os diferentes, com os estranhos, alienígenas ou mutantes.

### **3 X-MEN E A FILOSOFIA**

O livro “X-Men e a Filosofia” traz uma análise totalmente inovadora da série “X-Men”, que reúne revistas em quadrinhos, desenhos animados e filmes criados pela Universo MarvelComics. Não é algo normal ver vinculações entre uma série como “XMen” com questões filosóficas que possuem tanta aplicação e importância no cotidiano das pessoas em geral. Todavia, os autores do livro tiveram muito êxito nessa iniciativa inovadora, pois deram uma nova leitura dos episódios, que analisados sob a perspectiva filosófica acabam trazendo muita identificação com fatos reais e rotineiros.

Para os conhecedores de “XMen”, e para os que ainda não tiveram qualquer contato, trata-se de uma série de estórias onde são narrados vários fatos que ocorrem com os personagens do seriado. Para melhor contextualização, citaremos os principais personagens da série, isto sob nosso ponto de vista, dentre eles o Professor Charles Xavier, Magneto, Jean Grey, Ciclope, Fera, Wolverine, Mística, Fênix, Noturno, Anjo, Tempestade, Vampira, Sr. Sinistro, Homem de Gelo, Bishop, Cable e Deadpool.

Os personagens se dividem em grupos, mas possuem algumas características comuns que acabam os identificando, a principal delas seria a existência de mutações genéticas, cuja origem principal ainda não foi completamente explicada pelos autores, que a cada indivíduo acaba resultando num poder especial que os distinguem, os diferenciam dos demais seres humanos, ou seja, os tornando diferentes, estranhos, mutantes.

O Professor Charles Xavier, por exemplo, tem o dom de ler mentes e manter contatos telepáticos com outros personagens; Magneto tem poderes de manipulação de campos magnéticos, além de manipular qualquer tipo de metal; Jean Grey tem poderes telepáticos; Ciclope emite raios ópticos; Fera possui dons físicos e uma mente brilhante; e Wolverine possui o dom da regeneração celular, garras e ossos recobertos de adamantium. Tempestade tem o dom do controle climático, Mística muda de forma e Vampira tem a habilidade de absorver recordações, conhecimentos e habilidades de outras pessoas. Esses são alguns exemplos dos poderes especiais que os personagens de “X-Men” possuem.

Dentro da trama os personagens convivem com os demais seres humanos, pessoas que se consideram e são consideradas “normais”. Este convívio entre seres “normais” e os mutantes, como são chamados, acaba gerando inúmeras situações conflituosas, tendo em vista a explícita dificuldade do ser humano em conviver e aceitar o outro, principalmente se este outro possui alguma característica que o diferencia da maioria das pessoas por quem ele está acostumado a conviver.

Essa característica diferenciadora é ainda mais grave quando ela é visível, como a cor da pele, aparência, e até mesmo a origem e forma de falar. Não por acaso alguns membros dos “X-Men” enfrentam maiores dificuldades, pois suas mutações são facilmente perceptíveis, como é o caso de Fera e Noturno, e isso acaba gerando uma dificuldade ainda maior de aceitação por parte das pessoas que se consideram “normais”.

Ao longo do texto usaremos os termos “normais” e “anormais”, principalmente pela forma como ele é utilizado no livro, não que represente um ponto de vista pessoal, pois entendemos não haver distinção entre seres humanos normais e anormais.

Para quem já acompanhou os desenhos, revistas em quadrinhos ou filmes dos “XMen”, a leitura do livro “XMen e a Filosofia” se torna ainda mais interessante, pois ela acaba levantando inúmeras considerações de cunho filosófico que muitas vezes acabavam passando despercebidas pelos fãs da série.

A questão anteriormente aventada, sobre a dificuldade dos seres humanos em aceitar o outro, o diferente, é muito abordada atualmente em diversas situações, sendo que este convívio entre diferentes não poucas vezes acaba resultando em graves conflitos.

No caso específico dos mutantes, além das dificuldades existentes por parte dos seres humanos em aceitar o convívio e a permanência deles em seu meio, também podemos perceber uma dificuldade por parte dos próprios mutantes em conviver com os seres humanos, pois na visão de alguns mutantes os humanos é que são diferentes, e não eles próprios.

Em muitos episódios percebemos que os seres humanos normais buscam uma cura para os mutantes, para que eles percam seus poderes e que também se tornem pessoas normais, o que não é aceito pela maioria dos mutantes.

Já entre os mutantes, principalmente na turma liderada pelo Magneto, também aparece uma imensa dificuldade de conviver com os seres humanos, sendo que acabam surgindo muitos planos de destruição completa dos seres humanos, e até mesmo a criação de outros planos para transformar toda a raça humana em mutantes.

Os conflitos e dificuldades de convívio existem também entre os próprios mutantes, não por acaso eles vivem divididos em grupos, principalmente entre a turma do Professor Charles Xavier, que convive no Instituto Xavier, e a turma do Magneto, que convive na Irmandade.

Essa divisão pode ser percebida em diversos momentos, um que chama muita atenção é quando os humanos, representados por um grupo de cientistas, descobrem uma vacina que seria a cura dos mutantes, que os livraria das mutações e os tornaria pessoas normais. A maioria dos mutantes se mostra contrária à suposta cura, considerando que seria uma forma de os humanos acabarem com os mutantes, mas alguns acabam se mostrando

favoráveis, como é o caso de Vampira, que busca se tornar uma pessoa igual às demais, ou seja, normal.

No decorrer do livro muitas situações que ocorrem com os “XMen” são analisadas sob uma nova perspectiva, e essa nova abordagem resulta numa experiência muito interessante, pois muitas vezes acabamos não percebendo que episódios de uma série de ficção podem retratar fatos cotidianos da vida, e servem para explicar muitas situações e trazer respostas a muitas perguntas.

### 3.1 A VISÃO SOB UMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA DA REALIDADE DOS X-MEN E DOS IMIGRANTES

Ao longo da leitura do livro nos deparamos com passagens que levantam várias questões de grande relevância, para iniciarmos esta breve análise, reiteramos uma passagem já destacada anteriormente, mas que merece maior atenção. A diferenciação entre seres normais e anormais, muito explorada na série “X-Men” e também no livro, traz alguns detalhes interessantes que merecem nova análise.

Quando do episódio em que os humanos alegam terem criado uma vacina que seria capaz de curar os mutantes, e torná-los seres normais, Vampira se mostra tendente a aceitar o tratamento, tudo para se livrar das limitações decorrentes da mutação que sofre. No livro é feita uma breve e acertada análise sobre os motivos que levaram Vampira a pensar dessa forma: “Diante do preconceito, do medo e da perseguição aos mutantes, alguns X-fãs compreenderiam a atitude de Vampira, podendo imaginar como ela preferiria ser igual às pessoas comuns” (HOUSEL; IRWIN; WISNEWSKI, 2009, p. 21).

Essa importância exacerbada que é dada ao conceito de normalidade, uma padronização de imagens, pensamentos e atitudes, que tende a criar uma espécie padronizada, serve para criar preconceitos e discriminações, pois quem não se encaixa no perfil ideal, com certeza passará a ser alvo de todo tipo de perseguições e violências. As aparências são um obstáculo que dificultam ao diferente pertencer a determinado grupo, no livro esta realidade continua a ser retratada: “Além disso, muitos mutantes, como Fera e Noturno, têm uma

aparência um tanto estranha, que os impede de pertencer à sociedade” (HOUSEL; IRWIN; WISNEWSKI, 2009, p. 169).

Exatamente essa realidade que os X-Men enfrentam na série é a mesma realidade que os imigrantes encontram no Brasil, conforme muitas passagens anteriormente citadas, em que os estrangeiros são alvo de preconceitos e perseguições. Prosseguindo a análise da suposta normalidade, também merecem destaque as seguintes passagens:

Enquanto a normalidade por definição exige a aparência do normal, suas anormalidades podem ser visíveis ou invisíveis, claras ou sutis, benéficas ou prejudiciais. É aí que surge o paradoxo da normalidade na espécie humana. [...] Queremos ser normais o suficiente a ponto de indicar a possíveis parceiros que não há nada de errado conosco – não temos genes defeituosos. Mas também queremos atrair mais atenção que nossos concorrentes e indicar que temos alguma vantagem sobre os outros – genes melhores ou mais *status* social. É um dilema da condição humana: queremos pertencer e nos destacar. [...] Os X-Men são humanos, embora se refiram a si mesmos como “mutantes” e se distingam daqueles que chamamos de “humanos”. [...] Não é a toa, portanto, que são vítimas de todos os caprichos da condição humana comum, incluindo o desejo de pertencer e de se destacar. (HOUSEL; IRWIN; WISNEWSKI, 2009, p. 22-23)

A padronização de conceitos, principalmente os conceitos com relação ao ser humano, é responsável por inúmeras tragédias e situações de extrema violência, tanto física quanto moral, quadro imaginário enfrentado pelos X-Men, e realidade diária dos imigrantes, o que já foi relatado e posteriormente será abordado novamente.

Essa necessidade de ser normal acaba fazendo com que muitas pessoas almejem ser o que não são, ou que passem a exercer papéis na vida social, ou seja, acabam encenando viver uma vida que não é a sua, tudo para ser aceita em algum grupo ou local que deseja frequentar. No livro isso é chamado de “fingir ser normal”:

Esse conceito de “passar por” – fingir ser normal – é uma experiência de vida real, importante e bem documentada, vivida por alguns homossexuais e afro-americanos de pele clara. É uma experiência que dá ao anormal (o termo sendo usado apenas como descritivo) a habilidade para ser tratado como normal, permitindo-lhe confrontar ou não sua diferença e adaptação. (HOUSEL; IRWIN; WISNEWSKI, 2009, p. 24)

Não precisamos de um esforço grande de imaginação para termos exemplos do que tratamos, “fingir ser normal” não é um artifício utilizado somente entre os X-Men, quantas vezes nós mesmos fingimos ser de um jeito, fingimos agir de uma forma, somente para obtermos uma vantagem ou benefício. Nossas “anormalidades” dependem do ponto de vista, pois se esta anormalidade nos trazer alguma vantagem, não mais será considerada uma anormalidade, passa a ser algo normal, ela só é uma anormalidade quando não nos traz vantagens.



A normalidade ou anormalidade depende do ponto de vista do próprio indivíduo. Neste sentido, colaciona-se novo trecho da obra analisada: “Grande parte da lição histórica de Foucault trata do modo como a sociedade lida com o anormal, mas também pode estar relacionada com a maneira como qualquer indivíduo percebe sua própria anormalidade. Você é um monstro, precisa ser melhorado, ou é apenas diferente?” (HOUSEL; IRWIN; WISNEWSKI, 2009, p. 25)

O ser humano é condicionado a pensar motivado por interesses. Se a anormalidade lhe beneficiar, passa a ser algo normal, se, por outro lado, o que era normal passa a lhe prejudicar, também se torna uma anormalidade. Essa é uma realidade que se aplica tanto aos humanos quanto aos mutantes, lembrando que os mutantes não são considerados, definitivamente, como uma espécie diversa dos seres humanos, eles são humanos com poderes especiais que os diferenciam dos outros humanos, mas isso não faz com que percam a condição de seres humanos.

Também aqui podemos fazer um link com a situação dos imigrantes no Brasil. Enquanto a grande maioria da população se mostra contrária a entrada de milhares de estrangeiros, justamente por os ver como anormais ou mutantes, pessoas diferentes que não são bem vistas, cuja convivência não é aceitável ou agradável, existem alguns outros que analisam a situação sob um outro ponto de vista, alteração esta que permite ver o imigrante como um ser igual.

Empresários que atuam num ramo onde a mão de obra é escassa, como construção civil, frigoríficos e carvoarias, acabam vendo o imigrante como uma grande oportunidade de contratar mão de obra barata e abundante. Para o empresário, o imigrante é alguém extremamente positivo e vantajoso, não havendo nada de anormal em aceitar e até mesmo estimular o aumento do processo migratório. Como referimos, analisamos uma situação como normal ou anormal de acordo com nossos próprios interesses. Esse item é muito bem explicitado na seguinte passagem:

Portanto, quando desejamos algo, devemos perguntar a nós mesmos se o queremos porque nos seria benéfico de qualquer maneira ou porque nos seria benéfico apenas em comparação a outros indivíduos que não possuem a mesma coisa. A resposta a essa pergunta determina em parte se estamos agindo em nome de toda a humanidade ou apenas em benefício próprio. (HOUSEL; IRWIN; WISNEWSKI, 2009, p. 29)

A normalidade depende do ponto de vista, depende dos interesses pessoais envolvidos. Brincando com os X-Men, quem não gostaria de ter muitos dos poderes que os

mutantes possuem, mas muitos não gostariam de ter a aparência que alguns mutantes possuem. É uma questão de sopesar interesses, vantagens e desvantagens, para então analisarmos a situação dos mutantes, dos imigrantes, dos favelados, dos desempregados, dos protestantes, dos grevistas, de determinada classe laboral, de pessoas ligadas a determinados grupos religiosos. Sempre consideramos primeiramente nosso interesse pessoal numa análise deste tipo.

Vivemos numa vida de constantes mudanças, mudamos ideias, gostos e conceitos, isso sempre de acordo com o momento pelo qual passamos, pois cada momento define nossos interesses. São os fatores externos que influenciam diretamente nossas atitudes, pensamentos e escolhas. Nesta esteira, temos elucidativa passagem no livro:

Estamos sempre tentando ser pessoas melhores e, como resultado, nossa moralidade, gostos e preferências tendem a mudar com frequência. No entanto, permanecemos essencialmente as mesmas pessoas. Por processo de eliminação, chegamos à memória como fonte de identidade pessoal. (HOUSEL; IRWIN; WISNEWSKI, 2009, p. 34)

Se, embora as constantes mudanças, permanecemos as mesmas pessoas, sendo a memória nossa fonte principal de identidade pessoal, então se mostra relevante também colacionar trecho do livro em que as considerações filosóficas sobre X-Men são realizadas inspiradas nos ensinamentos do filósofo John Locke:

O filósofo John Locke (1632-1704) era contrário à visão do senso comum segundo a qual o corpo é a fonte da identidade pessoal, usando um exemplo da cultura popular de seu tempo. Locke contava a história básica de *O Príncipe e o Mendigo*, porém, fazendo os indivíduos trocarem de mente, não apenas de papéis sociais. [...] Parece, portanto, que a identidade pessoal não é uma questão do corpo, e sim da mente. (HOUSEL; IRWIN; WISNEWSKI, 2009, p. 33)

As mudanças externas não são fonte de identidade pessoal, sendo que no raciocínio de John Locke nossa mente é nossa principal fonte de identidade. Interessante análise, pois as mudanças externas são feitas com grande facilidade atualmente. Não por acaso em trecho do livro a seguinte análise é feita: “Vivemos à beira de um mundo em que a engenharia genética, a manipulação farmacológica e os implantes cibernéticos abrem oportunidades para uma pessoa se tornar algo perto de um verdadeiro mutante”. (HOUSEL; IRWIN; WISNEWSKI, 2009, p. 28)

Se nossa mente é a principal fonte de identidade pessoal, por que julgamos o outro, o diferente, normalmente considerando as diferenças físicas, os aspectos externos? Se o que caracteriza nossa principal fonte de identidade pessoal é a mente, essa diferenciação superficial que normalmente realizamos não deveria ser alterada? Para analisarmos o ponto de

vista do outro, não bastaria experimentarmos a troca de papéis sociais (mutante, imigrante, etc...), mas também a troca de mentes, o que não é possível, pois os mutantes são ligados ao mundo de uma forma diversa da nossa, e a fenomenologia nos ensina o seguinte:

Qualquer que seja a realidade dos mutantes, a fenomenologia nos ensina isto: a compreensão que eles têm das coisas é fundamentalmente diversa da nossa. Eles vivem no mundo deles, de uma maneira que não podemos viver. Ser mutante – ter um corpo sem as limitações que nós temos (ou com limitações diferentes) – é ser ligado ao mundo de uma maneira radicalmente diferente. Se a consciência é uma questão de “eu posso”, como dizia Merleau-Ponty, então, a consciência mutante vive em um mundo muito além do humano. (HOUSEL; IRWIN; WISNEWSKI, 2009, p. 195)

Jamais conseguiremos ter a exata noção do que seria ser um X-Men, não pelo fato de se tratar de uma série de ficção, mas pelo fato de não sermos um X-Men. Trazendo mais para a realidade, não conseguimos pensar como um imigrante haitiano recém- chegado ao Brasil, não bastaria nos colocarmos no lugar dele e sair pelo mundo, migrando, em busca de novas oportunidades. Teríamos que ter a mentalidade de um imigrante haitiano, passarmos pelo que ele passou, enfrentarmos o que ele enfrenta, e almejarmos o que ele almeja. Isso, na realidade, somente pode ser alcançado tendo a mentalidade que o haitiano imigrante tem. Como na citação de John Locke, para isso não basta a troca de papéis, seria necessária a troca de mentes.

Essa visão do outro, do diferente, é muito estimulada por meio da série X-Men, e o livro “X-Men e a Filosofia” trata de demonstrar essa visão trazendo-a para a nossa realidade diária. Essa visão do outro na série também é destacada no livro: “Mais importante, contudo, é que a série X-Men pede continuamente a seus leitores que pensem no modo como as pessoas tratam os que são diferentes” (HOUSEL; IRWIN; WISNEWSKI, 2009, p. 51).

Para bem demonstrar essa realidade, o livro não se limita à análise somente da série X-Men, ele também realiza breve análise de outra famosa série, Super-Homem, onde um interessante comparativo com os imigrantes é relatado:

O Super-Homem podia ser um extraterrestre, mas se disfarçava muito bem como um jornalista covarde, atrapalhado, que usava óculos e um terno mal ajustado. [...] O Super-Homem é um tipo de superimigrante que, como os imigrantes daquela época, assimila tudo sem a menor falha, fala a língua e conhece os nativos melhor do que eles mesmos conhecem. (HOUSEL; IRWIN; WISNEWSKI, 2009, p. 52)

Essa comparação do Super-Homem com o imigrante é muito válida, pois, de fato, o imigrante, tal qual o herói citado, tem que assimilar a realidade do novo local, aceitar a cultura, se submeter a radicais mudanças, e acaba tendo que ser mais nativo do que o próprio

nativo do local, num processo de assimilação imposta em busca da aceitação como outro, como diferente, como mutante imigrante.

Embora logre êxito nesse processo de assimilação, mesmo assim não possui garantias de que todas estas atitudes serão suficientes para ser aceito, ser, no mínimo, tolerado, pois mesmo com todo este esforço a população nativa pode continuar a ver o imigrante de forma negativa, e ele poderá ser alvo de todas as formas de discriminações já citadas anteriormente.

Esse processo de assimilação forçado a que são submetidos os imigrantes, seja no Brasil ou em qualquer parte do mundo, por si só já os torna dignos de tratamento respeitoso, a serem tratados como iguais. Nesta linha, colaciona-se importante passagem do livro:

Se o Super-Homem representa a realização de um desejo de que as experiências dos judeus, dos imigrantes e da assimilação fazem as pessoas ser o que são (diferentes, poderosas) em vez do que aparentam ser (tranquilas, insípidas), então os X-Men reverterem a equação. Apesar de parecerem diferentes, a experiência de ser uma minoria assimilada na cultura da maioria faz com que sejam iguais, não diferentes, e com direito a um tratamento justo e à tolerância. (HOUSEL; IRWIN; WISNEWSKI, 2009, p. 54)

Por uma melhor análise da situação dos imigrantes, também devemos destacar que um dos motivos pelos quais eles sofrem na adaptação é que, além de serem diferentes, também pertencem a uma minoria.

Uma minoria pode ser em número ou direitos, as mulheres podem ser consideradas uma minoria em direitos e oportunidades se comparadas aos homens, mas jamais podem ser consideradas uma minoria em número. Os imigrantes, além de ser uma minoria em direitos, principalmente pelo fato de serem estrangeiros, também são uma minoria em número, pois por maior que possa parecer o número de 50.000 (cinquenta mil) haitianos em solo brasileiro, isso não é nada se comparado a uma população brasileira que estima-se ser maior de 200.000.000 (duzentos milhões) de habitantes.

Pertencer a uma minoria assimilada por uma maioria, como os X-Men e os imigrantes, deveria fazer com que a passagem por este processo de assimilação também viesse a garantir o direito a uma aceitação, pois a assimilação reduz as diferenças, pelo menos sob a perspectiva do assimilado. O processo de assimilação não é fácil, e geralmente resulta em graves prejuízos aos assimilados, que perdem sua originalidade para tentar pertencer, isso quando essa assimilação não é forçada, como nos seguintes exemplos:

Temos aí uma solução semelhante a muitas tentativas históricas de “unificar” comunidades ou nações pela assimilação. Os poderes coloniais, por exemplo, costumam afirmar que levam a “civilização” às tribos bárbaras - índios americanos, africanos, aborígenes, e assim por diante -, forçando-as, às vezes, com violência, a abandonar suas línguas ancestrais, práticas culturais e crenças religiosas. X-3 ilustra as consequências dessa assimilação violenta, imposta por meio de uma “cura” para a diferença perigosa, “bárbara”. (HOUSEL; IRWIN; WISNEWSKI, 2009, p. 204)

Os modelos sociais atualmente vigentes são os principais responsáveis pelas mais variadas discriminações. O imigrante, por exemplo, é visto de forma negativa, como alguém que vem de outro país para trazer problemas ao país receptor e sua população. O imigrante é visto como um problema, um empecilho, como mais um competidor na busca de espaço no mercado atual.

Assim como o imigrante é considerado um obstáculo para grande parte da população nativa, esta é a visão que infelizmente temos também em relação a outras classes de diferentes ou anormais, como os deficientes, que por muitos são vistos como pessoas problemáticas, que atrapalham o bom andamento da sociedade. Essa visão negativa é fruto de um modelo social de exclusão do outro:

Os seguidores desse modelo afirmam que “as pessoas portadoras de deficiência eram limitadas por um modelo social que erguia barreiras à sua participação”. O modelo social politiza a deficiência, declarando que o problema não está no corpo, mas nas restrições sociais, “variando desde o preconceito individual até a discriminação institucional, dos prédios inacessíveis aos sistemas de transporte que não podem ser usados, da educação segregada à exclusão no mercado de trabalho”. (HOUSEL; IRWIN; WISNEWSKI, p. 171)

Da análise da citação inevitavelmente surge a indagação sobre quem na realidade é o principal causador de restrições, o deficiente para a sociedade ou a sociedade para o deficiente? Quem é o causador de barreiras e limitações a quem? Prosseguindo no livro encontramos uma resposta às indagações:

Portanto, de acordo com esse modelo social, não é a limitação física que causa a deficiência. É a “sociedade que desabilita as pessoas fisicamente limitadas. A deficiência é imposta sobre nossas limitações, isolando-nos e excluindo-nos desnecessariamente da plena participação na sociedade”. Se os problemas que algumas pessoas com deficiência auditiva encontram se devem a causas sociais e institucionais, precisamos mudar a sociedade, não as pessoas, assim como temos de lidar com o racismo e a homofobia, e não transformar todos os negros em brancos e homossexuais em heterossexuais. (HOUSEL; IRWIN; WISNEWSKI, 2009, p. 172)

O problema está na sociedade, na dificuldade que o homem tem de lidar e conviver com o outro, principalmente com o outro diferente, com o outro que é um mutante, um deficiente, um homossexual, um negro, um imigrante. Reiterando, o grande problema é o modelo social atualmente vigente, que se torna cada vez mais excludente e opressor, que ao invés de trabalhar para se adaptar às diferenças prefere esconder, excluir o diferente.

A sociedade vive uma eterna busca pela padronização de uma imagem perfeita, quando na realidade é a diversidade que a sustenta. Na série X-Men essa busca de padronização se mostra evidente em vários episódios, um deles, anteriormente citado, é quando os cientistas encontram a vacina que seria a cura para os mutantes. O intuito da vacina seria a cura dos mutantes, mas não é de se estranhar que na hipótese de não ser possível a cura, os seres humanos acabassem por usá-la para exterminar os mutantes, situação esta que já era objeto de desconfiança por muitos, principalmente Magneto.

Sobre esse trato do diferente, principalmente com enfoque no deficiente, novamente importante trazer elucidativa lição constante em nossa obra paradigma:

Estereótipos e preconceitos contra pessoas deficientes existem em abundância. As pessoas imaginam que uma deficiência é um defeito, algo que deve ser consertado, e supõem que os portadores de deficiência adorarão saber que há descobertas científicas que podem curá-los. Alguns realmente gostam da notícia. Mas outros talvez se identifiquem com Tempestade, que, ao saber da cura, argumenta, enfaticamente, que nada há para ser curado. (HOUSEL; IRWIN; WISNEWSKI, 2009, p. 177)

Não paramos para pensar se o diferente quer mudar, aí está a anteriormente citada dificuldade de pensar com a mentalidade do outro, não conseguimos sentir o que o outro sente, apenas analisamos o outro tendo como paradigma nossos próprios sentimentos e vontades.

A assimilação forçada por que passam alguns dos X-Men, bem como pela assimilação de uma nova cultura pelo imigrante, já deveria ser motivo ensejador de respeito e aceitação. Mesmo que não tivesse ocorrido essa assimilação, no caso do imigrante, por sermos todos seres humanos, todos iguais, já por decorrência lógica deveria afastar qualquer forma de discriminação e preconceito. Entre os seres humanos não há qualquer subespécie, independente da origem, muito pelo contrário, são todos iguais, isso é algo geneticamente abordado e comprovado, conforme consta no seguinte trecho:

As populações humanas não são tão geneticamente distintas como as subespécies de outras espécies; e a maioria dos cientistas não trata as raças humanas como uma subespécie, do modo como consideramos o pastor-alemão uma subespécie de cão e as galinhas vermelhas de Rhode Island como uma subespécie de galinha. (HOUSEL; IRWIN; WISNEWSKI, 2009, p. 181)

Não somos divididos em raças, pois genética e biologicamente não há diferenciação entre os seres humanos. Assim, o livro sugere que possa existir uma divisão em raças sociais:

Muitos filósofos contemporâneos veem raça sob outro prisma. Rejeitam o conceito de raça como categoria biológica, mas insistem em raça como realidade social. Se essa visão estiver correta, então talvez os mutantes sejam uma raça social, ainda que

não biológica. [...] Por exemplo, sem base biológica, a algumas raças já foram atribuídas capacidades e deficiências morais, intelectuais e físicas. É assim que surgem os estereótipos. (HOUSEL; IRWIN; WISNEWSKI, 2009, p. 183-184)

Essa diferenciação em raças sociais também não se sustenta, pois o trecho acima demonstra que ela pode ser a causadora do surgimento de estereótipos, por exemplo, contra os judeus já foram atribuídas deficiências morais, contra os X-Men e os imigrantes são atribuídas deficiências morais e físicas, tudo pelo fato de pertencerem a uma provável raça social diversa.

Temos a mania de dividirmos, de classificarmos tudo e todos em grupos, em classes, e isso ocorre porque temos sempre a intenção de mantermos tudo sobre controle, principalmente com grupos de pessoas. Classificamos e dividimos as pessoas de acordo com suas características, e fruto dessa divisão acabamos por impor um modo de vida a cada um desses grupos. Ou seja, ao mesmo tempo que classificamos e dividimos os grupos, com a intenção de nos mantermos longe deles, também queremos manter um controle, mantê-los longe do convívio, mas perto o suficiente para que ele seja controlado, seja monitorado.

Essa necessidade de manter o outro, o diferente, sob constante monitoramento, decorre da imprescindível exigência que temos de vigiar o diferente para estarmos preparados para alguma atitude deste diferente que possa fugir de nossa previsibilidade. Sob o sugestivo subtítulo “Medo, opressão e violência”, o livro destaca esta realidade:

Como Magneto sabiamente admite no começo do primeiro filme dos X-Men: “A humanidade sempre temeu o que ela não compreende”. Esse truismo se confirma no decorrer da história humana. Na história recente, vemos a matança dos índios americanos, a escravização de africanos e outros, o sistemático isolamento e rotulação de indivíduos com base em raça e religião e, claro, o genocídio que testemunhamos em várias nações e regiões do globo. Por que tememos a diferença? Por que tememos o que não compreendemos? (HOUSEL; IRWIN; WISNEWSKI, 2009, p. 202)

O tema levantado na passagem é justamente o que acontece com os mutantes, na série X-Men que, apesar de ser algo fictício, retrata fielmente a realidade que muitas pessoas enfrentam diariamente. Já destacamos anteriormente, mas não custa reiterar, a realidade fictícia enfrentada pelos X-Men é um retrato da realidade diária enfrentada pelos imigrantes, em especial os imigrantes em solo brasileiro, que são pessoas diferentes dos nativos, e que despertam, em razão dessa diferença, as mais variadas reações, como medo, desconfiança, curiosidade, preconceito, agressões físicas e morais.

Essas reações do povo direcionadas aos imigrantes são originadas, no nosso entender, do medo do diferente, por não sabermos o que esperar desse diferente. Justamente nesta esteira é conclusão do capítulo do livro:

Fica claro que há uma presunção por parte da sociedade de que indivíduos “diferentes” são perigosos, porque ameaçam o modo de vida presente. Eles têm poderes além dos nossos. Nós podemos controlar o que compreendemos, identificamos, categorizamos e rotulamos. Aquilo que não entendemos, não podemos controlar. Nesse exemplo, o medo do desconhecido é transformado em opressão. (HOUSEL; IRWIN; WISNEWSKI, 2009, p. 203)

Se o ser humano não mudar sua forma de pensar e agir, continuaremos vivenciando lamentáveis episódios que estão se repetindo, a dificuldade de conviver ou aceitar o outro, o diferente, é a causa de guerras, massacres e extermínios, não podemos continuar exigindo que o outro mude para que possa conviver e ser aceito por nós. Para encerrar esta breve análise, devemos citar uma resposta do personagem Mística, ao ser indagada por qual razão não fica sempre disfarçada, pois ela tem o poder de se passar por qualquer pessoa, seja humano ou mutante, ela assim refere: “Porque não deveríamos precisar disso. Uma pessoa não precisa ter de esconder suas diferenças para se assimilar na sociedade”. (HOUSEL; IRWIN; WISNEWSKI, 2009, p. 205)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A prévia análise da situação dos imigrantes que têm chegado ao Brasil, principalmente a partir de 2010, em especial os provenientes de países caribenhos, latinos e africanos, demonstra que eles passam por inúmeras dificuldades, principalmente pelos conflitos com os nativos. Como o Brasil é um país formado por pessoas das mais diversas origens, não compreendíamos a dificuldade de aceitação e rejeição de parte da população direcionada aos imigrantes.

Na busca de uma maior compreensão, realizamos a leitura da obra “X-Men e a Filosofia” e, num paralelo antes não imaginado, conseguimos comparar a situação dos imigrantes aos X-Men, fato este que, aliado a abordagem de cunho filosófica realizada na obra, nos proporcionou um começo de entendimento dos fatos reais que envolvem os estrangeiros.



A diferenciação que os humanos fazem dos próprios seres humanos, classificando-os como normais e anormais, resulta de uma infinidade de fatores, mas especialmente do modelo social atualmente em vigor, que classifica as pessoas levando muito em consideração fatores externos como aparência, cor da pele, origem, dentre outros.

Esse tratamento diferenciador encontrado, causador de preconceitos, faz com que os imigrantes cada vez mais busquem assimilar a cultura do local, vindo até a perder sua própria identidade, trata-se de uma assimilação forçada, que nem sempre faz com que o imigrante seja aceito pelos nativos.

Ao ser humano é necessário que passe por uma mudança de paradigmas, que os fatores externos não tenham mais tanta importância, e que seja dado mais valor às questões internas, por mais que não seja possível ter a mentalidade do outro, que possamos nos esforçar para tentar, ao menos, entender sua forma de pensar e agir.

Tanto os mutantes da série X-Men, como os imigrantes, na realidade, em sua grande maioria, não buscam o conflito, apenas pretendem viver a vida normalmente, ou uma chance de recomeçar, buscando novas oportunidades. E nessa busca pretendem um tratamento igualitário, como seres humanos, e não como uma categoria diferenciada, ou uma subespécie, pretendem ver respeitadas suas diferenças por todos, pois, ao final, somos todos iguais, e ao mesmo tempo diferentes.

## REFERÊNCIAS

ANÍBAL, Felipe. Xenofobia se converte em agressões contra imigrantes haitianos. **Gazeta do Povo**, 19 out. 2014. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1507461&tit=Xenofobia-se-converte-em-agressoes-contra-imigrantes-haitianos->>. Acesso em: 31 dez. 2014.

BERTOLOTTO, Rodrigo. Brasil não 'dá bola' para Lula e goleia Haiti por 6 a 0. **UOL Esportes**, 18 ago. 2004. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2004/08/18/ult59u86739.jhtm>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

G1.COM. Dois anos após terremoto, Haiti mal começou sua reconstrução. **G1.globo.com**, 12 jan. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/01/dois-anos-apos-terremoto-o-haiti-mal-comecou-a-reconstrucao.html>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

G1.COM. População brasileira ultrapassa marca de 200 milhões, diz IBGE. **G1.globo.com**, São Paulo, 29 ago. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/08/populacao-brasileira-ultrapassa-marca-de-200-milhoes-diz-ibge.html>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

G1.COM. Imigrantes haitianos são vítimas de preconceito e xenofobia no Paraná. **G1.globo.com**, Curitiba, 22 out. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/10/imigrantes-haitianos-sao-vitimas-de-preconceito-e-xenofobia-no-parana.html>>. Acesso em: 31 dez. 2014.

G1.COM. Haitianos são resgatados em condições de escravidão em SP. **G1.globo.com**, São Paulo, 22 ago. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/08/haitianos-sao-resgatados-em-condicoes-de-escravidao-em-sp.html>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

HOUSEL, Rebecca; IRWIN, William; WISNEWSKI, J. Jeremy. **X-Men e a Filosofia: visão surpreendente e argumento fabuloso no X-verso mutante**. São Paulo: Madras, 2009.

MORAES, Maurício. ONG leva caso de imigrantes haitianos no Acre à OEA. **BBC Brasil**, São Paulo, 23 ago. 2013. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/08/130819\\_acre\\_haitianos\\_conectas\\_oea\\_m](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/08/130819_acre_haitianos_conectas_oea_m)>. Acesso em: 14 jan. 2015.

OLIVEIRA, Ana Flávia. Ministério do Trabalho investiga queixa de trabalho escravo envolvendo haitianos. **Último Segundo**, São Paulo, 30 abr. 2014. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2014-04-30/ministerio-do-trabalho-investiga-queixa-de-trabalho-escravo-envolvendo-haitianos.html>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

PORTAL BRASIL. Censo 2010 mostra as características da população brasileira. **Portal Brasil**, 02 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2012/07/censo-2010-mostra-as-diferencas-entre-caracteristicas-gerais-da-populacao-brasileira>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

SANTOS, Mauro dos. Imigrantes são hostilizados no PR após suspeita de ebola. **Veja**, 13 out. 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/imigrantes-sao-hostilizados-no-pr-apos-suspeita-de-ebola>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

TELES, Miriane. Ministério da Justiça libera recurso para haitianos. **Agência de Notícias do Acre**, 30 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.agencia.ac.gov.br/noticias/acre/ministerio-da-justica-libera-recurso-para-haitianos>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

VIEIRA, Sérgio. Começa debate na CRE sobre aumento de imigração. **Senado Federal**, Brasília, 11 dez. 2014. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/12/11/comeca-debate-na-cre-sobre-aumento-de-imigracao/tablet>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

ZYLBERKAN, Mariana. Sem mão de obra, Santa Catarina importa haitianos. **Veja**, Chapecó, 02 fev. 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/sem-mao-de-obra-santa-catarina-importa-haitianos>>. Acesso em: 15 jan. 2015.